

HELEN GRAHAM

BREVE HISTÓRIA DA
GUERRA CIVIL
DE ESPANHA

Tradução de Vladimiro Nunes



LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVI

Índice

Prefácio e agradecimento 11

1. As origens da Guerra Civil de Espanha 17
2. Rebelião, revolução e repressão 39
3. Mobilizar e sobreviver: a República em guerra 57
4. A construção da Espanha rebelde 91
5. A República sitiada 113
6. Vitória e derrota: as guerras depois da guerra 145
7. Os usos da história 169

Lista de mapas e ilustrações 187

Notas 189

Outras leituras 193

Cronologia 199

Glossário 207

Índice remissivo 209

Prefácio e Agradecimentos



G.M.

De entre as dolorosas catástrofes da história europeia século XX, a Guerra Civil de Espanha continua, hoje, a exercer um particular fascínio. A força desta atracção não pode, decerto, ser explicada em termos da escala geográfica e humana do conflito ou dos horrores tecnológicos a que então se assistiu, uma vez que, em matéria de destruição material e de tragédia humana, a guerra de Espanha é mitigada por outros conflitos. E mesmo se incluirmos isto numa análise comparativa o horror continuado de prisões e de assassinios em massa que foi o «pós-guerra» na Espanha dos anos 40. Porém, o vínculo que estabelecemos com a Guerra Civil de Espanha é inegável, tendo gerado mais de 15 mil livros – um acervo bibliográfico que rivaliza com o da Segunda Guerra Mundial.

O principal objectivo deste pequeno livro é explicar a guerra civil – as suas causas, o seu curso e as suas consequências, tanto no âmbito interno como no internacional. O texto não trata em detalhe de batalhas ou de estratégia, pelo que os leitores mais interessados na história militar convencional devem procurá-la noutra bibliografia (ver leituras adicionais). No seu todo, a obra debruça-se principalmente sobre forma como a guerra afectou as vidas física e psíquica de soldados e civis, e sobre a forma como moldou o curso da política, da sociedade e da cultura em Espanha, mas também além-fronteiras.

A Guerra Civil de Espanha foi o primeiro conflito da Europa em que os civis se tornaram alvos em massa, através de bombardeamentos

em grandes cidades. O novo fotojornalismo, que fez dela a primeira guerra «fotogénica» da história, transmitiu imagens impressionantes do vasto número de refugiados políticos que o conflito produziu. Já durante a Primeira Guerra Mundial tinham ocorrido migrações populacionais, mas nenhuma obteve a visibilidade das que aconteceram em Espanha. A guerra civil impressionou profundamente aqueles que a ela assistiram a partir de outros países europeus. Para os próprios espanhóis, o choque foi enorme. Não havia termos comparativos de referência, por mais remotos que fossem, para a mobilização militar, industrial, social e política que a guerra civil provocou, uma vez que Espanha não tinha participado na Primeira Guerra Mundial de 1914-18. Como é sobejamente conhecido, Espanha também se tornou o local onde outras potências testavam as mais recentes tecnologias de guerra. Ainda mais friamente, o conflito revelou o que poderia significar a guerra em solo europeu, pressagiando os conflitos purificadores, genocidas e vingativos de muitas outras guerras civis que grassaram pelo continente entre 1939 e o final da década de 40.

O que isto também indica é que, mesmo nas suas origens, a Guerra Civil de Espanha foi um fenómeno intrinsecamente europeu. Não se pretende aqui sugerir que as tensões e ansiedades no interior da sociedade espanhola, que conduziram ao golpe militar que precipitou a guerra, tenham sido geradas por outras causas que não as de origem interna. Contudo, nem a polarização social e política em torno de questões como o sufrágio universal, a reforma da segurança social e a redistribuição da propriedade fundiária e do poder económico nas zonas rurais, nem os conflitos culturais que então se faziam sentir (desde antes da eclosão da guerra civil) em torno das reformas secularizantes ou da oposição entre cosmopolitismo urbano e tradição rural, aconteceram exclusivamente em Espanha. As pretensas «soluções» para o conflito espanhol carregavam consigo todos os ingredientes das receitas monolíticas impostas por outros regimes fascistas ou quase fascistas um pouco por toda a Europa. Este contexto partilhado fornece a chave para explicar por que razão a guerra civil exerceu um impacto tão forte fora de Espanha e por que razão continua hoje a ressoar o sentido da importância da guerra. O segundo objectivo deste livro consiste, portanto, em examinar os debates históricos e as

polémicas políticas que a guerra civil alimentou, já que a sua discussão nunca foi território exclusivo dos historiadores profissionais – tanto em Espanha como nos outros países.

O capítulo I procura esclarecer tematicamente os factores em conflito na história espanhola do século XX, explorando o papel que desempenharam nos anos 30. No entanto, não fornece uma narrativa completa e cronológica dos anos de república que antecederam a guerra (1931-36), uma vez que esta se encontra facilmente disponível em muitas outras fontes (ver leituras adicionais). Estes conflitos são desenvolvidos no capítulo II, que explora a forma como os diferentes quadrantes políticos e sociais procuraram resolvê-los na sucessão de acontecimentos desencadeada pelo golpe militar de 17 e 18 de Julho de 1936. Estes dois primeiros capítulos também procuram retratar a cultura de caserna e de campo de batalha (colonial) em que se formaram os militares do exército que se insurgiram contra a segunda república democrática, entre eles o general Francisco Franco, que ascendeu à suprema liderança militar e política durante a guerra civil e que, tendo-a conquistado, governou Espanha durante os 36 anos seguintes. Os capítulos III, IV e V exploram não só a escalada do conflito ao longo do seu complexo processo de internacionalização, mas também o modo como a experiência de guerra moldou a política e a sociedade – quer nas zonas republicanas quer nas franquistas – e como, em última análise, a política e a diplomacia das grandes potências foram determinantes para o seu desfecho.

Na sua globalidade, o livro percebe a guerra civil como um cenário de transformação social onde nasceram e subsistiram diferentes ideias sobre cultura (entendida no seu sentido mais lato), e no qual participaram, com o mesmo grau de envolvimento, cidadãos espanhóis e estrangeiros. Estes conflitos haveriam de continuar por toda a parte – não apenas na Europa – durante a Segunda Guerra Mundial de 1939-45. O capítulo 6 trata destes temas, bem como da violenta repressão exercida em Espanha por um regime que se considerava parte da nova ordem nazi na Europa. Inerente às aspirações totalitárias do franquismo vitorioso, houve uma tentativa de branqueamento da memória dos derrotados. A própria escrita da história tornou-se campo de batalha. O capítulo VII documenta a tentativa de

o regime se apropriar do passado, bem como o subsequente fracasso – patente na nova historiografia da guerra e, acima de tudo, no regresso da memória republicana que hoje se verifica através dos canais da sociedade civil espanhola no começo do século XXI.

No final do livro, a secção de leituras adicionais fornece uma lista sucinta de material introdutório. Também inclui algumas sugestões ecléticas, assim como outras relativas aos sítios de internet mais relevantes. Contudo, os leitores devem ter presente que boa parte da mais inovadora pesquisa académica sobre a Guerra Civil de Espanha não se encontra disponível em português. As sugestões de leitura adicional não podem, por isso, dar uma ideia da amplitude e da abundância da bibliografia de ponta, por ora predominantemente em língua espanhola, mas poderão, espero, fornecer um ponto de partida que será útil ao leitor comum.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que leram esboços do meu texto, e também a Emily Jolliffe e Marsha Filion, por serem editoras amáveis e pacientes. No que respeita à ajuda específica com fontes escritas ou visuais, ou ao auxílio a nível tecnológico, estou em dívida para com (por ordem alfabética): Peter Anderson, Richard Baxell, Benito Bermejo, a família Campaña, Hilary Canavan, Cornell Capa, Jane Durán, o falecido Harry Fisher, Lala Isla, Conxita Mir, Cary Nelson, Paul Preston, Alex Quiroga, Antonina Rodrigo, Francisco Romero, Mariano Sanz, Ramón Sender Barayón, Rémi Skoutelsky, Mary Vincent e Ricard Vinyes. Mais genericamente, gostaria de agradecer aos meus amigos, colegas e alunos, por tudo o que me ensinaram sobre o esforço colectivo de fazer história. Todas as restantes insuficiências e erros são, obviamente, da minha inteira responsabilidade.



Alianza de Intelectuales para la Defensa de la Cultura, 1936/1937

2. Rebelião, revolução e repressão

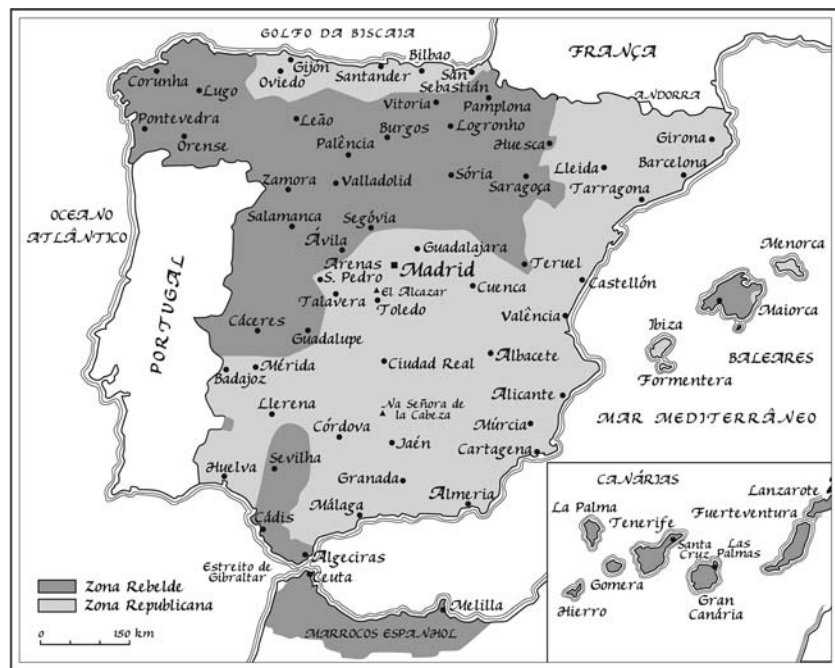


J. Cabanas, 1937/1939

Todas as épocas permanecem na memória das gerações futuras. Mas cada época tem a sua própria lógica interna, a sua própria estrutura de sentimento
[J. Ugarte Tellería, *La nueva Covadonga insurgente*]

O golpe militar contra a república começou a 17 de Julho de 1936, entre elementos do exército colonial sediado na África do Norte espanhola (Marrocos). No dia seguinte, a rebelião alastrou-se à metrópole, sob a forma de revoltas em guarnições de província. Ela foi, ao mesmo tempo, bem e malsucedida: não conseguiu tomar o país todo de um só golpe, como era intenção dos rebeldes, mas conseguiu paralisar o regime republicano e, mais importante, privá-lo dos meios para organizar rapidamente uma resistência eficaz. A insurreição desagregou a estrutura de comando do exército e deixou o governo de Madrid sem tropas, inseguro quanto aos oficiais em quem podia confiar. O colapso simultâneo da polícia veio juntar-se a estes já de si graves problemas, criando um vazio de autoridade na maioria das zonas afectas à república, que não encontrava paralelo nas zonas rebeldes, sobre as quais os militares assumiam o controlo a partir do exterior. Mas, apesar do colapso do regime, os elementos da polícia que lhe permaneciam leais uniram-se às milícias de trabalhadores, formadas pelos sindicatos e partidos políticos da esquerda para responder à situação de emergência; juntos, conseguiram deter a revolta das guarnições em grande parte da Espanha urbana e industrial.

A divisão inicial do território espanhol entre a república e os rebeldes (ver figura 1) reflectia a geografia política do país. A revolta tendeu a fracassar em áreas onde havia um apoio significativo às reformas republicanas e/ou a uma agenda política progressista num



A divisão da Espanha a 22 de Julho de 1936

sentido mais lato. Por isso, os centros urbanos, com a sua elevada concentração de trabalhadores em movimentos laborais organizados, eram sobretudo afectos à república – com algumas excepções, a mais notável das quais foi Sevilha, onde o general Queipo de Llano destacou o grosso da sua guarnição, cerca de 5800 tropas, para fazer frente ao movimento laboral daquela cidade. Em todas as restantes zonas rurais do sul profundo, a presença de milhares de camponeses sem terra constituiu, inicialmente, um factor de inibição do sucesso do golpe. Na costa nordeste, as regiões da Catalunha e de Valência, com o seu passado confederalista e um forte sentimento anticentralista, haveriam de se manter republicanas ao longo da guerra.

As áreas que ficaram imediatamente sob controlo dos militares rebeldes foram, tendencialmente, as mesmas onde se tinham verificado maiorias conservadoras nas eleições de Fevereiro de 1936. Isto aplicava-se sobretudo às zonas minifundiárias do centro-norte e do noroeste de Espanha. Aí, o apoio da população ao golpe militar deriva-

va em boa medida da hostilidade do campesinato e das classes médias conservadoras da província ao programa secularizante da república. O caso do País Basco, no norte de Espanha, foi excepção, uma vez que até os conservadores convergiram contra os militares rebeldes ultracentralistas para apoiar uma agenda nacionalista regional em prol de autonomia política.

No entanto, a geografia política do pré-guerra não explica, por si só, a disposição territorial que emergiu depois de 18 de Julho. Nenhuma região de Espanha era inteira ou homogeneamente conservadora. Mesmo nas áreas que lhes eram afectas, os militares tinham de exercer uma violenta repressão sobre alguns sectores que lhes resistiam, como foi o caso dos trabalhadores portuários da cidade galega de Vigo, no norte. A repressão sanguinária também funcionava como força de coerção num sentido mais lato. Por exemplo, nas aldeias e nas cidades pequenas, as pessoas que tinham simpatizado vagamente com os republicanos sentiram-se, de repente, compelidas a alinhar publicamente com as autoridades de modo a protegerem as suas famílias, ainda que isso pudesse implicar trair amizades e laços pessoais. O filme *La Lengua de las Mariposas* (1999), baseado num conto do escritor galego Manuel Rivas, relata um exemplo extremo deste fenómeno. Um rapaz é coagido pela mãe a participar na detenção e humilhação pública do seu estimado mestre-escola republicano, como forma de desviar as atenções do passado liberal do próprio pai. Assim se pode compreender as razões complexas e contraditórias que, tão frequentemente, fundamentaram as opções binárias tomadas pelas pessoas na ressaca do golpe. De facto, esta delimitação forçada, a obrigação de «tomar partido», constituiu o primeiro e mais duradouro acto de violência dos golpistas.

De modo a viabilizarem o seu golpe, os militares rebeldes também tiveram de afastar (e, muitas vezes, matar) um número significativo de oficiais superiores que se recusavam a apoiá-los. Em parte, isso fazia com que também os rebeldes sentissem uma certa perturbação militar – o exército dividira-se, com consequências para ambos os lados. Por outro lado, a ausência de uma força de combate integrada não podia ser compensada pelas milícias políticas de direita dos carlistas e falangistas, em rápida mobilização nos territórios rebeldes.

4. A construção da Espanha rebelde



Anónimo espanhol, 1932

Podeis vencer, mas jamais ireis convencer. Esta será a vitória dos piores, de um tipo de cristianismo que não é cristão e de um militarismo paranóico engendrado nas campanhas coloniais.

[Miguel de Unamuno]

A ira tem as suas raízes no medo.

Habitualmente, quem escreve sobre a Guerra Civil de Espanha estabelece um contraste vincado entre a unidade política dos rebeldes sob a liderança de Franco e a fragmentação e as discórdias dos republicanos, embora raramente as razões para tal sejam bem explicadas. É certo que existiu um grau muito mais elevado de comunhão ideológica entre os apoiantes dos rebeldes: o grande receio sentido por todos os sectores pró-franquistas, que estava na base da ira em relação a tudo o que era «republicano», constituiu uma poderosa força de coesão política e psicológica. Porém, a desunião na Espanha republicana teve muito menos a ver com ideologia e política interna do que com o crescente impacto negativo (material e psicológico) da não intervenção, da derrota militar e do rápido agravamento da posição internacional da república. Se durante a guerra os exércitos de Franco não tivessem avançado consistentemente e alcançado sucessivas vitórias graças ao apoio dos alemães e dos italianos, também teria havido muito mais perturbações e tensões políticas entre as forças franquistas. A ética democrática subjacente ao regime republicano – mesmo se truncada em função de imperativos de guerra – implicava que as divergências e divisões políticas também se tornassem muito mais visíveis, ao passo que a união dos rebeldes, forjada a partir das fracturas de Julho de 1936, era, pelo menos em parte, uma fachada de unidade produzida por técnicas ditatoriais. O capítulo IV irá incidir sobre a forma como a Espanha rebelde foi construída – do «topo para



Francisco Franco

as bases» e das «bases para o topo» - e, ao mesmo tempo analisar a progressiva dimensão internacional da guerra.

No título deste capítulo utiliza-se a expressão «Espanha rebelde» em vez de «Espanha franquista», não porque possa haver qualquer controvérsia quanto à rápida ascensão política e militar do general Francisco Franco, mas para nos recordar que essa ascensão não foi um processo consumado do dia para a noite. Franco esforçou-se muito para, com o auxílio dos apoiantes mais chegados, consolidar e aumentar o seu poder pessoal. Numa fase posterior, parte desse esforço haveria de envolver a elaboração de propaganda que apresentava o líder como «o homem providencial», divinamente predestinado ao poder. O próprio Franco parece ter acreditado no seu próprio mito, mas nós não temos razão nenhuma para o fazer.

Embora não tenha sido inevitável, a ascensão de Franco foi bastante facilitada por umas quantas mortes fortuitas (acidentais ou perpetradas pelos republicanos), que afastaram alguns dos seus mais

sérios rivais. Mas a principal vantagem de Franco no começo da guerra era o controlo que exercia sobre o Exército de África. Associado a isto, havia também o facto de ter sido sobretudo a sua iniciativa pessoal a galvanizar a actuação de Hitler e de Mussolini em prol dos rebeldes. Até aí, os alemães e os italianos viam a direita espanhola como um conjunto de pequenos grupos mal coordenados, sem qualquer visão estratégica e em permanente conspiração. Além disso, também não ficaram muito impressionados, pelo menos de início, com o general Mola, o líder da revolta – em parte porque o seu pedido de ajuda ao estrangeiro fora modesto, e em parte porque o fizera por intermédio de representantes monárquicos, que se contavam entre os grupos menos eficientes. Porém, em Franco, Hitler e Mussolini viram um executante competente, munido de um plano estratégico, o que rapidamente contribuiu para que o seu nome fosse considerado como «o tal». No dia do golpe militar, a imprensa britânica fez referência ao irmão do conhecido aviador Ramón Franco. Apenas uma semana depois, tanto Londres como Roma já identificavam os rebeldes como «as forças de Franco». À partida, Franco dispunha de vantagens substanciais, mas a verdade é que se esforçou ao máximo para delas tirar proveito. Assim que ocorreu o golpe, o general constituiu o seu próprio gabinete de imprensa – facto bastante revelador do seu nível de ambição e de autoconfiança. Este gabinete também permitiu que Franco conseguisse extrair a máxima propaganda e vantagem política do resgate da guarnição de Toledo, no final de Setembro (ver Capítulo 3).

Quando saiu vitorioso da campanha no sul, Franco já tinha ascendido a supremo comandante militar e político das forças rebeldes. Através de outros generais que tinham ligações aos monárquicos e à Falange fascista, conseguira persuadir ambos os grupos de que promoveria os seus objectivos. Na verdade, o facto de Franco não se identificar com nenhuma organização política em especial tornava-o uma escolha atractiva aos olhos da direita civil e militar. Na reunião da junta militar que decorreu em Salamanca a 21 de Setembro de 1936, apenas um dos camaradas de Franco, o general veterano Miguel Cabanellas, se opôs à sua nomeação. Além de ser o presidente simbólico da junta militar, Cabanellas era também *africanista* e chegara, em tempos, a

comandar Franco. Naquela reunião, afirmou profeticamente que, se Espanha ficasse entregue a Franco, este iria pensar que o país era seu e, uma vez conseguido o poder absoluto, jamais lhe renunciaria.

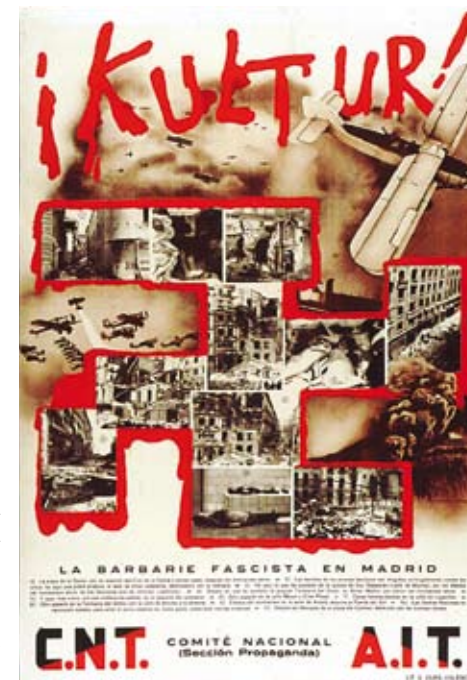
Apesar de Franco não ter uma filiação política específica – ainda que se lhe reconhecesse uma forma pouco definida de monarquismo que era comum à maioria dos oficiais –, tornou-se evidente desde o início que os seus objectivos de guerra eram de ordem fundamentalmente política. Como já vimos no Capítulo 2, Franco delineou uma estratégia militar cuja missão era «salvar Espanha» - ou, mais exactamente, preservar um certo tipo de ordem política e social dentro do espaço geográfico do país. Muitas das perspectivas que Franco tinha de si próprio em relação ao mundo derivavam da sua experiência nas campanhas coloniais do Norte de África. A sua inabalável autoconfiança e teimosia – tanto do ponto de vista militar como político – devia bastante à tenacidade territorial dos oficiais *africanistas* em geral. Cabanellas não foi o único a aperceber-se disso. Mais tarde, um oficial veterano da república, também ele em tempos *africanista*, haveria de afirmar o mesmo:

É-nos dito: «leva tantos homens, ocupa esta e aquela posições, e não te mexas de lá até receberes novas ordens.» A posição ocupada por Franco é a nação, e ele, como não tem oficiais superiores, não arredará pé.

Seguro nas suas convicções, Franco não duvidava de que o recurso ao terror sobre a população civil se justificava, e expôs cidades e vilas a bombardeamentos aéreos em massa. Os bombardeamentos foram consumados graças ao apoio alemão e italiano, mas era impensável que acontecessem sem a sua aprovação explícita. Depois de Madrid e Durango, veio o ataque a Guernica, sede simbólica do nacionalismo basco. A cidade, que não possuía quaisquer defesas antiaéreas, foi aniquilada a 26 de Abril de 1937, ao longo de três horas de bombardeamentos intensivos levados a cabo pela Legião Condor alemã e pela Aviazione Legionaria italiana. O principal alvo estratégico do ataque não era nenhuma posição militar, mas antes a moral dos civis. Pressupunha-se que Guernica poria fim à apetência dos bascos para resistir, e, num certo sentido, isso aconteceu.

Cerca de 15 mil crianças foram retiradas e afastadas das áreas bombardeadas. Foram enviadas para vários destinos, incluindo a Grã-Bretanha, que tinha laços históricos e comerciais com o País Basco; cinco mil crianças partiram para a Bélgica e outras três mil para a União Soviética. Mas, para muitos, aquilo que deveria ter sido um afastamento temporário acabou por se tornar na odisseia de uma vida; mesmo aqueles que conseguiram regressar haveriam de experimentar a perpétua alienação cultural e identitária de quem passa pela experiência do exílio.

A maioria dos grandes centros populacionais republicanos foi bombardeada. Barcelona, com as suas parcas defesas aéreas, sofreu ataques sucessivos de raids entre Janeiro e Maio de 1938. Mas apesar de os raids aéreos causarem pânico e deixarem para trás muito sofrimento e destruição, a reacção que desencadeavam tendia a ser mais de ódio e de ressentimento do que de medo. Ainda que numa perspectiva negativa, os bombardeamentos de Franco também exerceram o seu papel na criação de um novo sentido de identidade republicana



Cartaz de propaganda anti-alemã produzido pela CNT anarco-sindicalista, no qual são mostrados os efeitos dos bombardeamentos em massa nas cidades Republicanas (neste caso, Madrid). O recurso irónico à palavra «kultur!» constitui uma réplica implícita ao argumento de Franco, que dizia lutar em defesa da civilização

Cronologia

1936

JULHO

- 17-18 Tem início a insurreição militar nos territórios espanhóis do Norte de África, que alastra a várias guarnições em Espanha.
- 18-20 A rebelião é derrotada em Madrid e Barcelona.
- 24-25 O executivo francês, liderado pelo socialista Léon Blum, volta atrás com a sua oferta inicial de ajuda militar à República de Espanha.
- 28 Hitler e Mussolini decidem, cada um por si, fornecer apoio militar aos rebeldes. Os primeiros aviões chegam a Marrocos para transportar o Exército de África (comandado por Franco) para Espanha (Sevilha).

AGOSTO

- O Exército de África desdobra-se a partir de Sevilha e dá início à sua marcha sangrenta pelo Sul, em direcção a Madrid.
- 2 A França anuncia a sua anuência a uma política de não intervenção.
- 14 Assassínios em massa em Badajoz, depois de as tropas de Franco terem tomado a cidade.
- 15 O governo britânico proíbe a exportação de armamento para Espanha.
- 18 Federico Gracia Llorca é executado em Granada.
- 22 A prisão de Modelo, em Madrid, é invadida e são executados dos presos políticos.
- 24 Chega a Madrid o primeiro embaixador da União Soviética em Espanha.
- 27-28 Começam os bombardeamentos aéreos sobre Madrid.

SETEMBRO

- 3 O Exército de África toma Talavera, o último grande centro urbano a separá-lo de Madrid.

- 9 Primeiro encontro do comité de não intervenção, em Londres.
- 18 O executivo do Comintern aprova medidas de solidariedade para com a República espanhola, incluindo o recrutamento de combatentes voluntários internacionais.
- 24 A CNT anarco-sindicalista junta-se ao governo regional catalão.
- 25 Os rebeldes emitem um decreto que proíbe a actividade política e sindical.
- 28 As forças de Franco fazem um desvio para reforçar o cerco à guarnição de Toledo.
- 29 A União Soviética aceita enviar armamento à República. A junta militar nomeia Franco como supremo comandante político e militar da zona rebelde.
- 30 O bispo de Salamanca, Plá y Deniel, emite uma carta pastoral (intitulada «As Duas Cidades») em defesa dos militares rebeldes, na qual, pela primeira vez, a palavra «cruzada» é empregue para descrever a guerra civil. O governo Republicano emite um decreto em que assinala a sua intenção de substituir as forças milicianas por um Exército Popular sujeito à disciplina militar.

OUTUBRO

- Começam a chegar os voluntários das Brigadas Internacionais.
- 1 O parlamento Republicano aprova a autonomia basca.
- 7 Constituição de um governo basco autónomo, liderado pelo PNV.
- 11 Amparo Barayón é executada em Zamora.

NOVEMBRO

- 6 O governo Republicano muda-se para Valência.
- 7 Começa a disputa de Madrid.
- 16 Para auxiliar Franco, Hitler envia-lhe a Legião Condor, uma força especial equipada com tanques e com os mais recentes aviões bombardeiros de combate alemães.
- 18 A Alemanha e a Itália reconhecem Franco.

DEZEMBRO

- 6 Mussolini aceita enviar uma força expedicionária, o Corpo di Truppe Volontarie (CTV), para auxiliar Franco.

- 29 Pilar Espinosa é executada em Candeleda (Ávila).

1937**JANEIRO**

- Mussolini aumenta exponencialmente o fornecimento de armas e tropas a Franco.
- 2 O governo britânico faz um «acordo de cavalheiros» com a Itália, para preservar o status quo no Mediterrâneo.
- 6 Os Estados Unidos estabelecem um embargo legal à exportação de armas para Espanha.

FEVEREIRO

- 6-27 Batalha de Jurema, na frente Sudeste de Madrid. A Brigada Abraham Lincoln entra pela primeira vez em combate. As forças Republicanas, com a ajuda da aviação e dos tanques soviéticos, fazem frente à ofensiva rebelde que ameaçava cortar a auto-estrada Madrid-Valência.
- 7 Málaga é tomada pelos rebeldes, com o auxílio dos italianos. Os refugiados que fugiam rumo a Almería são alvo de fortes bombardeamentos.

MARÇO

- 8-18 Batalha de Guadalajara, na frente Nordeste de Madrid. As tropas de Mussolini sofrem a primeira derrota, em confronto com a Brigada Garibaldi, também ela italiana. O empate técnico em redor de Madrid há-de manter-se até ao final da guerra.
- 30 O general Mola dá início à ofensiva rebelde na frente Norte (Vizcaya) e a Legião Condor alemã bombardeia Durango.

ABRIL

- 19 Franco decreta a unificação da Falange com os Carlistas num único partido liderado por si. Estabelecimento de uma efémera patrulha marítima do comité de não intervenção.
- 26 A capital basca, Guernica, é destuída por intensos bombardeamentos alemães e italianos.

MAIO

- 3-7 Combates de rua e protestos populares em Barcelona («Dias de Maio»).
- 17 O parlamentar socialista Juan Negrín torna-se primeiro-ministro de um novo executivo Republicano.
- 31 A Alemanha e a Itália retiram-se da patrulha marítima do comité de não intervenção.

JUNHO

- 3 Morte do general Mola, num acidente de aviação.
- 16 Em Barcelona, são detidos os líderes do POUM.
- 19 Capitulação de Bilbao perante as tropas de Franco.
- 21 Em França, o executivo de Blum demite-se.
- 30 Portugal retira-se do acordo de patrulhamento marítimo da não intervenção.

JULHO

- 1 Carta colectiva dos bispos espanhóis aprova o regime de Franco.
- 6-26 Batalha de Brunete, na frente Oeste de Madrid.

AGOSTO

- As cerimónias religiosas privadas voltam a ser permitidas na Espanha Republicana. Franco implementa um bloqueio naval ao portos da República no Mediterrâneo.
- 24 Ofensiva militar Republicana na frente Nordeste (Aragão). Começa a haver ataques de proveniência desconhecida a navios neutrais que se dirijam aos portos Republicanos.
- 26 As tropas de Franco tomam Santander.

SETEMBRO

- 10 Conferência de Nyon, na qual as principais potências europeias discutem os ataques de submarinos «desconhecidos» aos navios neutrais no Mediterrâneo. A Itália, tida por muitos como responsável pelos ataques, e a Alemanha não comparecem.

OUTUBRO

- 21 Queda do Norte Republicano (Gijón e Avilés).

- 29 Transferência do governo Republicano de Valência para Barcelona.

NOVEMBRO

- 6 A Itália junta-se à Alemanha e ao Japão no pacto Anti-Comintern.

DEZEMBRO

- Raides aéreos sobre Barcelona.
- 15 As forças Republicana dão início à ofensiva em Teruel (Aragão).
- 24 Franco inicia a contra-ofensiva na frente de Teruel.

1938**JANEIRO**

- 7 As forças Republicanas tomam a cidade de Teruel.

FEVEREIRO

- 22 As forças de Franco recuperam Teruel.

MARÇO

- 10 Franco lança uma nova ofensiva em Aragón, com o objectivo de alcançar a costa mediterrânica e dividir a zona Republicana em duas.
- 12 Franco revoga a lei Republicana relativa ao casamento civil. Hitler ocupa a Áustria.
- 13 Blum forma um novo executivo, e Negrín vai a Paris para discutir a reabertura da fronteira com França.
- 14 Aviões italianos descolam de Maiorca e bombardeiam Barcelona de forma ininterrupta.
- 17 O governo francês reabre a fronteira com Espanha.

ABRIL

- 1 As forças de Franco tomam Lérida.
- 8 Em França, dá-se a queda do governo de Blum, que é substituído por um executivo mais conservador, liderado por Edouard Daladier.
- 15 As forças de Franco conseguem chegar ao Mediterrâneo, em Vinaroz, e dividem a República em duas.

16 Acordo anglo-italiano, entendido em grande parte dos círculos diplomáticos internacionais como um sinal de que a Grã-Bretanha aceitaria, implicitamente, a permanência de tropas italianas em Espanha até ao final da guerra civil.

21 Franco dá início à ofensiva contra Valência.

MAIO

1 Negrín publica o programa de objectivos de guerra da República, constituído por 13 pontos.

4 O Vaticano aceita estabelecer relações diplomáticas plenas com Franco.

11 A República de Espanha pede à Sociedade das Nações o fim da não intervenção, sem sucesso.

23 O 14.º batalhão do exército Republicano (guerrilha) leva a cabo um inovador raide de comandos, libertando soldados Republicanos aprisionados na fortaleza costeira de Carchuna (Motril, Granada), para lá das linhas rebeldes.

24 Franco recebe formalmente o primeiro núncio apostólico (representante papal).

JUNHO

13 O governo francês fecha a fronteira com Espanha.

JULHO

5 O comité de não intervenção aprova um plano para retirar de Espanha os voluntários internacionais.

25 O exército Republicano lança a ofensiva do Ebro, que viria a ser a maior batalha da guerra; o seu objectivo consiste em aliviar a pressão militar de Franco sobre Valência, mas também em inverter a tendência diplomática internacional.

AGOSTO

17 Negrín militariza as fábricas de armamento da Catalunha, com o propósito de as manter sob controlo do governo central. Os seus ministros catalães e bascos demitem-se, em protesto.

18 Franco recusa todas as iniciativas de paz.

SETEMBRO

29 Conferência de Munique, entre a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha e a Itália. A França e a Grã-Bretanha aceitam a anexação da Sudetenland checa por Hitler.

OUTUBRO

Prossegue a batalha do Ebro.

4 A República retira das suas linhas os voluntários internacionais, em cumprimento do plano do comité de não intervenção.

8 Com o apoio tácito do Vaticano, Negrín cria uma comissão para supervisionar a reintrodução do culto público na Catalunha.

24 Começa o julgamento dos líderes do POUM.

29 Parada de despedida das Brigadas Internacionais, em Barcelona.

NOVEMBRO

16 Chega ao fim a batalha do Ebro: as forças Republicanas entram em retirada pelo rio. Mais do que de uma derrotada política, trata-se uma derrota política, determinada pelo desfecho da conferência de Munique.

29 Ataques aéreos sobre Barcelona e Valência.

DEZEMBRO

19 A Alemanha assume o controlo de várias operações de colocação de minas em Espanha.

23 Franco começa a sua ofensiva contra a Catalunha.

1939

JANEIRO

23 Negrín instaura a lei marcial na zona Republicana.

26 As tropas de Franco tomam Barcelona. Migração em massa de refugiados para a fronteira com França.

FEVEREIRO

1 O parlamento Republicano reúne pela última vez em solo espanhol, no castelo de Figueres.

9 Franco promulga a Lei de Responsabilidades Políticas, que criminaliza,

retrospectivamente, a actividade política Republicana.

10 Capitulação da Catalunha. Franco fecha a fronteira com França. Negrín instala-se na zona Republicana do centro-Sul.

27 A Grã-Bretanha e a França reconhecem Franco.

MARÇO

4-6 Uma Revolta descoordenada na base naval Republicana de Cartagena leva a armada a fazer-se ao mar. Esta é retida pelos franceses no Norte de África, para ser entregue a Franco. A República perde, assim, os meios necessários para evacuar milhares de refugiados que temem pelas suas vidas.

5 O comandante Republicano na frente madrileña, coronel Segismundo Casado, rebelar-se contra Negrín, com base na crença errónea de que, enquanto oficial do exército, será capaz de negociar com Franco uma «paz com garantias».

6-13 Combates de rua em Madrid entre as forças pró e anti-Casado. Em toda a restante zona centro-sul, o exército Republicano mantém-se à margem.

26-28 As forças de Casado triunfam em Madrid, mas Franco recusa-se a negociar. Casado não tem outra alternativa senão ordenar a rendição da força aérea e do exército Republicanos.

27 As tropas de Franco ocupam Madrid. Migração maciça de refugiados; Muitos refugiados Republicanos afluem aos portos mediterrânicos, principalmente a Alicante, mas relativamente poucos conseguem fugir, dada a escassez de barcos. Franco assina o pacto anti-Comintern.

ABRIL

1 Franco emite o seu último comunicado de guerra, anunciando o fim das hostilidades militares. Os Estados Unidos reconhecem o regime de Franco.

6 Franco torna pública a adesão espanhola ao pacto anti-Comintern.

Glossário

CEDA («Confederación Española de Derechas Autónomas»): partido católico de massas com projecção nacional, foi fundado em 1933 e dependia fortemente das redes organizacionais da Igreja.

CNT («Confederación Nacional del Trabajo»): união de trabalhadores anarco-sindicalista fundada em 1910.

Comintern: Internacional Comunista (ou Terceira Internacional), criada por Lenine em 1919 com o objectivo de ser uma organização congregante de todos os partidos comunistas.

Falange: Partido fascista espanhol fundado em 1933 por José Antonio Primo de Rivera, cujo pai fora o ditador militar de Espanha entre 1923 e 1930.

PCE (Partido Comunista de España): partido comunista oficial em Espanha, fundado em 1921 e afecto à Internacional Comunista (Comintern).

PNV («Partido Nacionalista Vasco»): partido nacionalista basco, fundado em 1895. O PNV era fortemente católico e socialmente conservador, mas opunha-se ao ultracentalismo da direita espanhola.

POUM («Partido Obrero de Unificación Marxista»): partido comunista dissidente (isto é, não alinhado com o Comintern), formado em Setembro de 1935. A zona de influência do POUM era, sobretudo, a Catalunha.

PSOE («Partido Socialista Obrero Español»): partido socialista espanhol, fundado em 1879.

Republicano(s): todos os indivíduos e grupos que apoiaram a República durante a

guerra civil de 1936-39.

republicano(s): membros de partidos e grupos de ideologia especificamente republicana.

UGT («Unión General de Trabajadores»): sindicato liderado pelos socialistas, foi fundado em 1888 e era tradicionalmente mais forte em Madrid e nas zonas industriais do Norte de Espanha, como as minas de carvão das Astúrias ou a indústria pesada de Vizcaya (País Basco).

Índice Remissivo

- AALTO, BILL: 75, 128, 179
 Acordo de Munique: 138, 139.
 ver Munique
 Afonso XIII: 22
 Agricultura: 19, 44
 Alemanha: 17, 51, 53, 57, 61, 63, 104, 105, 106, 109, 110, 113, 121, 127, 128, 137, 138, 139, 141, 153, 155, 156, 196, 198, 199, 201
 Alfabetização: 77, 78, 79
 alfabetização: 183
 Alicante: 141, 202
 Allen, Jay: 51
 Almodóvar, Pedro: 172
 Alonso, Celestino: 154
 Anarco-sindicalista: 22, 29, 82, 95
 Andaluzia: 32, 50
 Anschluss: 123, 125, 126, 141
 Anticlerical: 45, 46, 58, 107, 131
 Aragão: 44, 82, 120, 123, 128, 133, 135
 Assassinato extrajudicial: 161
 Associação para a Recuperação da Memória Histórica: 172, 177
 ARMH: 172, 173
 Astúrias: 33, 34, 80, 119
 Áustria: 63, 123
 Avilés: 119
- BADAJOS: 51
 Bangic, Olga: 153
 Barayón, Amparo: 47, 48, 49, 161, 173
 Barbieri, Francesco: 87
 Barcelona: 21, 22, 32, 43, 44, 71, 82, 85, 87, 95, 96, 123, 124, 129, 134, 136, 156, 157, 159
 Belchite: 119, 151
 Bélgica: 95
 Berlanga, Luis: 81
 Berneri, Camillo: 87
 Bilbao: 87, 96
 Blitzkrieg: 123, 138
 Blum, León: 59
 Boix, Francisco: 156, 157
 Botwin, Naftali: 65
 Brigadas Internacionais: 63, 65, 66, 67, 69, 75, 103, 104, 127, 128, 137, 152, 154, 179
 Brunete, Batalha de: 65, 74
 Buchenwald: 155
- CABANELLAS, GENERAL MIGUEL: 93, 94
 Campos de concentração: 65, 98, 141, 147, 151, 155, 156, 158, 160, 181
 Cantalupo, Roberto: 97
 Carchuna (Motril): 128

Carlistas: 27, 41, 98
 Cartagena: 114, 141
 Casamento: 98, 163
 Catalã, Neus: 148
 Catalunha: 26, 40, 82, 84, 85, 86, 87,
 123, 124, 125, 129, 132, 133, 134, 137,
 139, 145, 161, 176
 Catolicismo: 18, 20, 107, 110, 131, 161
Causa General: 161, 162, 171
 Cercas, Javier: 145, 152, 177
 Checas: 86
 Churchill, Winston: 106
 Cinema: 60, 103
 Comunistas: 68, 82, 83, 85, 87, 129,
 132, 133
 Contra-reforma agrária: 50

 DALADIER, EDOUARD: 146
 De Gaulle, Charles: 151
 Denúncia: 110, 134, 161, 163
 Desemprego: 31, 32, 64, 84
 Dia D: 180
 Dias de Maio: 82, 83, 86, 87, 129
 Diplomacia: 13, 86, 88, 107, 121, 125,
 127, 132
 Divisão Azul: 100, 154
 Divórcio: 163
 Durango: 94
 Durruti, Buenaventura: 72

 EBRO, BATALHA DO: 136
 Eden, Anthony: 106
 Educação: 23, 32, 78, 158, 161
 Edwards, Thyra: 67
 Espinosa, Pilar: 48, 172
 Espionagem: 136, 154

 Estados Unidos: 63, 65, 66, 81, 173, 179
 Estaline: 44, 60, 61, 69, 113, 114, 127
 Estalinegrado: 150
 Estremadura: 50
 Etiópia: 51
 Exército franquista: 104
 Exército rebelde: 53, 72
 Exército republicano: 69, 75, 78, 103,
 104, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123,
 127, 128, 135, 137

 FALANGE: 25, 46, 48, 80, 93, 98, 99,
 100, 101, 107, 108, 110, 155, 164
 Fascismo: 25, 36, 63, 64, 65, 68, 106, 151
 Federalismo: 20
 Fome: 21, 127, 134,
 França: 53, 57, 59, 60, 61, 87, 88, 105,
 117, 121, 123, 125, 126, 127, 134, 138,
 141, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152,
 153, 156
 Franco, general Francisco: 13, 19, 25,
 33, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 60, 63,
 71, 72, 73, 74, 87, 91, 92, 93, 94, 95,
 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104,
 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114,
 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123,
 124, 125, 126, 127, 128, 131, 135, 136,
 137, 138, 139, 140, 141, 145, 146, 148,
 149, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158,
 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166,
 169, 170, 171, 172, 175, 179
 Franco, Nicolás: 98
 Franquismo: 13, 108, 109, 110, 149, 154,
 158, 163, 170, 174, 176, 177, 179

 GALIZA: 41

Gandía: 141
 García, Antonio: 156
 García Lorca, Federico: 48
 Gijón: 119
 Goff, Irv: 75, 128, 179
 Göring, Hermann: 141
 Grã-Bretanha: 53, 57, 58, 59, 60, 61, 88,
 95, 105, 106, 121, 123, 125, 127, 138,
 141, 142
 Grzywacz, Shloime: 154
 Guadalajara, Batalha de: 63, 104, 151
 Guernica: 94, 176
 Guerra Civil Finlandesa: 64
 Guerra Fria: 81, 153

 HEARTFIELD, JOHN: 79
 Hitler, Adolf: 17, 42, 58, 59, 70, 72, 93,
 103, 105, 123, 138, 141, 150, 152, 153,
 154, 171
 Hutchins, Evelyn: 67

 IBÁRRURI, DOLORES: 150
 Igreja católica: 23, 24, 27, 28, 45, 46, 52,
 100, 106, 107, 108, 110, 131, 163, 176
 Império Espanhol: 18, 19, 25, 105, 161
 Indústria: 19, 20, 42, 44, 74, 76, 96,
 100, 103, 119, 129, 160
 Internacional Comunista
 (Comintern): 69, 70, 85, 109, 132,
 133
 Itália: 17, 51, 53, 57, 61, 63, 73, 103, 104,
 105, 106, 109, 113, 121, 123, 128, 137,
 141

 JAPÃO: 57, 109
 Jarama, batalha de: 63, 66, 104, 176

Juventude: 33, 156

 KEA, SALARIA: 67
 Kerensky, Alexander: 58
 Komsomol: 117

 LANDA, MATILDE: 158
 Law, Oliver: 65
 Leclerc, general Philippe: 151, 153
 Legião Condor: 94
 Lei das Responsabilidades Políticas:
 139, 162
 Lei Marcial: 162

 MAÇONARIA: 107
 Madrid: 29, 33, 39, 42, 43, 50, 53, 60,
 62, 63, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 79, 80,
 81, 94, 95, 104, 118, 120, 121, 140,
 146, 151, 153, 158, 176
 Maes, Magdalena: 161
 Málaga: 43
 Mannerheim, Carl Gustav: 64
 Maquis: 148, 149, 150
 Marrocos: 25, 26, 33, 39, 51, 151
 Mauthausen: 155, 156, 157
 McCarthy, Joseph: 179
 México: 115, 145
 Migrações: 12
 Milicianas: 53, 76
 Mobilização rebelde/franquista: 27,
 28, 33, 41, 43, 100-101, 108, 161, 178
 Mobilização republicano: 33, 35, 57, 63,
 74-79, 119, 140, 150, 156, 178
 Moa, Pio: 176, 177, 178
 Modiano, Patrick: 175
 Mola, General Emílio: 51, 53, 93, 96

Monarquia: 20, 23
 Morales, Diego: 155
 Mulheres: 28, 48, 50, 67, 76, 77, 80,
 100, 101, 148, 150, 164, 165, 172
 Munique, Acordo de: 138, 139
 Mussolini, Benito: 17, 42, 58, 59, 70,
 72, 87, 93, 99, 103, 141

NACHT UND NEBEL: 155
 Nações Unidas: 173
 Não intervenção: 57, 60, 61, 68, 69,
 70, 73, 75, 91, 105, 106, 113, 114, 115,
 117, 119, 121, 125, 129, 133, 139
Narvik (Noruega): 150
 Nazismo: 64, 66, 106, 110, 154
 Negrín, Juan: 82, 88, 113, 121, 122, 123,
 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132,
 133, 136, 138, 139, 141, 165
 Nelken, Margarita: 150
 Nin, Andreu: 86
 Nuremberga: 156

 ORWELL, GEORGE: 82, 85
 Ouro: 42, 114, 115, 126
 OVRA: 87

 PACTO ANTI-COMINTERN: 109
 Partido Comunista Francês (PCF): 69
 Partido Nacionalista Basco (PNV): 74
 Partido Popular (PP): 175
 Pasionaria. *See* Ibárruri, Dolores
 Plano Marshall: 165
 Poderio aéreo: 62, 72, 104
 Pointner, Anna: 156
 Polónia: 63, 65, 115
 Portugal: 113

 POUM: 86, 87, 136, 137
 Presos políticos: 87, 104, 108, 120, 146,
 147, 152, 155, 156, 158, 160, 181
 Prieto, Indalecio: 128
 Primeira Guerra Mundial: 12, 17, 21, 63
 Primeira República: 24
 Primo de Rivera, general Miguel: 22,
 24, 25, 98
 Propaganda: 52, 79, 92, 93, 95, 101,
 109, 149, 154, 169, 176

 QUEIPO DE LLANO, GENERAL
 GONZALO: 40

 RACISMO: 52, 106, 110
 Radnóti, Miklós: 181
 Ravensbrück: 148, 155
 Reforma Agrária: 23, 28, 45, 50
 Refugiados: 12, 36, 53, 71, 85, 133, 134,
 139, 141, 146, 147, 148, 151
 Renau, Josep: 79
 Resistência Francesa: 65, 152
 Revolução: 17, 21, 23
 Revolução Russa: 17, 21
 Rivas, Manuel: 41
 Rojo, general Vicente: 118, 120
 Rol-Tanguy, Henri: 153
 Rolfe, Edwin: 66
 Rosselli, Carlo: 87
 Rosselli, Nello: 87

 SALAMANCA: 93, 107, 175, 176
 Sanjurjo, general José: 131
 Saragoça: 19, 25, 26
 Secção feminina da Falange: 101
 Segunda Guerra Mundial: 11, 13, 66,

75, 137, 140, 141, 153, 154, 155, 180
 Semprún, Jorge: 155, 156, 160
 Sender, Ramón: 14, 47
 Serrano Suñer, Ramón: 98, 155
 Sevilha: 19, 40
 Silva, Emilio: 173
 Socialistas: 23, 24, 26, 29, 32, 34, 35, 46,
 69, 87, 129, 132, 140
 Sociedade das Nações: 125
 Spengler, Oswald: 25
Stalags: 147, 155

 TALAVERA DE LA REINA: 53
 Taussig, Michael: 177
 Teruel: 120, 121, 122, 123, 128
 Toledo: 52, 60, 93
 Transição democrática: 171, 172
 Trotsky, Leon: 86

 «ÚLTIMA GRANDE CAUSA»: 66, 178, 179
 Unamuno, Miguel: 91, 107

 União Soviética: 60, 61, 69, 81, 86, 87,
 95, 105, 113, 114, 115, 117, 127, 138,
 139, 140, 150

 VALE DOS CAÍDOS: 160
 Valência: 20, 40, 44, 71, 72, 123, 125,
 134, 137, 138, 141
 Vaticano: 106, 107, 108, 132
 Vigo: 41
 Vinaroz: 123, 124

 WOLF, FRANCISC: 154
 Woolsey, Gamel: 43

 ZONA FRANQUISTA / REBELDE: 48, 100,
 102, 103, 104, 136
 Zona republicana: 100, 131, 134, 140